

# A LIMPEZA ÉTNICA EM MIANMAR E O ÊXODO DO POVO ROHINGYA

Daniel Mendes Nunes

Maria Eduarda Leite Leonel

Vinícius Eduardo Silvestre<sup>1</sup>

## CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE MIANMAR

Mianmar, originalmente Birmânia, é um país localizado na parte ocidental do continente asiático. Seu nome oficial, União da Birmânia, mantido desde 1885, foi mudado para União de Mianmar em 1989.<sup>2</sup> O país faz fronteira com Bangladesh, Índia, China, Laos e Tailândia, sendo que a maior parte da sua população é budista. Nele vivem mais de cem minorias étnicas e religiosas, dentre elas os *Shan*, os *Wa* e os *Rohingya*. O país pertenceu ao domínio britânico de 1824 até 1948 quando conseguiu sua independência.<sup>3</sup>

Mianmar teve o início de sua formação com variados grupos que se moveram para a região em períodos diferentes: austro-asiáticos, tibeto-birmaneses e sino-tailandeses. No entanto, foram os tibeto-birmaneses que fundaram a primeira capital do Estado birmanês – atual Mianmar – o que permitiu desde essa época um

fortalecimento do budismo no país.<sup>4</sup>

Os ingleses começaram a se infiltrar gradativamente a partir das duas primeiras guerras anglo-birmanesas e conseguiram conquistar a cidade real de Mandalay na Terceira Guerra Anglo-Birmanesa, em 1885, destronando e exilando o rei Thibaw Min. Nesta época, a Birmânia tornou-se uma província da Índia britânica, da qual só se separou em 1937.<sup>5</sup> Durante o período colonial, os britânicos não levaram em consideração os povos com distintas crenças religiosas como hinduístas, muçulmanos e budistas.

Em 27 de janeiro de 1947, com o Acordo Aung San – Attlee, assinado em Londres após a derrota britânica frente ao avanço japonês na Segunda Guerra Mundial, a Liga Antifascista pela Liberdade Popular (AFPFL) assumiu o poder da Birmânia, e exigiu a independência. Ainda em 1947, durante a Conferência de Panglong, os birmaneses chegaram a um acor-



Mapa de Mianmar

do com as minorias nacionais sobre a formação de um estado federal, dando a elas uma autonomia na administração interna.<sup>6</sup>

Em abril de 1947, as eleições para a Assembleia Constituinte aconteceram e, em janeiro de 1948, a União Independente da Birmânia foi proclamada. U Nu, o líder do AFPFL, tornou-se primeiro-ministro, controlando a política e todos os seguimentos do país de forma violenta.<sup>7</sup>

A Birmânia independente ignorou um item importante: a religião, e negligenciou uma minoria muçulmana que ali habitava, os *Rohingyas*,<sup>8</sup> que atualmente representam cerca de 2% dos 55 milhões de habitantes de Mianmar.<sup>9</sup>

O exército birmanês tomou o poder entre 1958-1960, sob a liderança do General Ne Win, para combater a guerra civil do país, que envolveu dois partidos comunistas, várias organizações e grupos armados das minorias nacionais que buscavam seus direitos. Ne Win também liderou um golpe em 1962 que permitiu que os militares governassem o país por 54 anos.<sup>10</sup>

No final dos anos 80, devido a problemas econômicos e na política exterior do país, um movimento pró-democracia foi desenvolvido, liderado por Aung San Suu Kyi,<sup>11</sup> filha do General-Major Aung San, que criou a Liga Nacional para a Democracia (NLD). Houve manifestações e o movimento foi duramente reprimido, porém o governo admitiu eleições parlamentares que, em 1988, foram vencidas pelo NLD. Contudo, a junta militar não permitiu que a Liga assumisse o poder, prendendo os principais membros e confinando a líder Suu Kyi em prisão domiciliar.<sup>12</sup>

A eleição seguinte foi realizada apenas em 2010, vinte anos depois. Apesar do NLD ter ocupado a maior parte dos assentos em ambas as câmaras do parlamento nacional – Câmara dos Representantes (CR) e Casa das Nacionalidades (CN) –, quem assumiu foi o militar Thein Sein, já que Suu Kyi, a líder do NLD, foi impedida de exercer o cargo de presidente por ter parentes estrangeiros.<sup>13</sup>

Em 2015, o NLD ganhou novamente a maioria dos assentos do parlamento, porém não tinha poder dentro do governo, em razão de um direito de veto do exército que ocupa 25% dos assentos fixos. Por fim, em março de 2016, Htin Kyaw foi eleito o primeiro presidente civil desde o golpe de Estado de 1962. Em 2016, Suu Kyi se tornou a Primeira Conselheira do Estado de Mianmar, tendo influência direta nas decisões tomadas pelo governo.<sup>14</sup>

## A COMPOSIÇÃO ÉTNICA DE MIANMAR

O Estado de Mianmar possui uma população de cerca de 55,6 milhões de pessoas. A constituição birmanesa reconhece 135 grupos étnicos dentro do território, sendo que essas etnias estão divididas e relacionadas com os estados, por exemplo, a etnia *Rakhine*, na verdade, é composta por cerca de sete grupos étnicos.

O Estado birmanês é composto por 5 grandes grupos étnicos, se subdividindo em grupos menores. A maior parte da população de Mianmar é da etnia birmanesa, cerca de 68% da população, seguida pelos *Shans*, que representam 9%, os *Karens*, com 7% da população, os *Rakhines* compõem 4% dos habitantes (sendo que nesses 4% não estão contabilizados os *Rohingyas*), e *Mons*, que representam apenas 2%. Os outros 10% da popu-

lação são representados por etnias menores, incluindo chineses e indianos que vivem em Mianmar. O Estado é majoritariamente budista, com 87,9% da população praticando essa religião. Apenas 6,2% dos habitantes se declaram cristãos e outros 4,3% se declaram muçulmanos. O restante de 1,6% da população é representado por pessoas que possuem outras religiões, ou não praticam religião.<sup>15</sup>

Os birmaneses são de origem sino-tibetana, residem predominantemente nas planícies centrais, próximas aos rios Irrawaddy e Sittang. Alguns dizem que a estimativa do grupo ser majoritário em Mianmar não é correta, feita para favorecer o povo birmanês. Os membros da etnia birmanesa, são predominantemente budistas, ocupam a maioria nos cargos do governo, dominando as forças armadas e, com isso, têm vantagem social e política sobre as outras etnias do país.



Rohingya people in Rakhine (Arakan) State in Myanmar

- - Rohingya majority
- - Rohingya minority

Localização do povo *Rohingya* no estado de Rakhine.

O povo *Shan* tem sua maioria residindo no estado de Shan e estimativas apontam para uma população entre quatro e seis milhões. Apesar de grande parte deste grupo ser budista, existem cristãos entre eles. O estado de Shan possui um bom número de grupos armados étnicos, causando problemas para as populações civis, que sofrem por conta da repressão estatal e das ações dos militantes. O estado é rico em recursos naturais, como ouro, prata e chumbo, além situar-se em uma das áreas que mais produzem ópio no mundo, produção que propicia o financiamento dos grupos armados.

Os *Karens* representam sete milhões de pessoas, residindo em sua maioria na parte sul e sudeste de Mianmar. Este grupo lutou com os aliados durante a Segunda Guerra Mundial e sofre repressão por parte do governo. A etnia tem um histórico de revoltas contra o governo central por sua independência, passando por um cessar-fogo em 2012, violado pelo exército poucos meses após a assinatura.

Os *Mons* são considerados um dos primeiros povos a se estabelecerem no sudeste asiático, sendo o mais antigo na região da Birmânia. Estima-se que a etnia seja composta por cerca de oito milhões de pessoas. Apesar de ter uma cultura vasta e influente na história de Mianmar, o governo não permite que os *Mons* a exerçam, proibindo que falem sua própria língua ou cultivem suas tradições. Durante a colonização inglesa, o povo *Mon* foi um dos mais ativos na luta contra a metrópole. Por vezes, se rebelam contra o governo de Mianmar buscando sua independência.

Os *Rakhines*, de maioria budista, se espalham por quase todo o oeste de Mianmar, se estendendo ao longo da Baía de Bengala. Como boa par-

te dos estados de Mianmar, *Rakhine* também tem tendências separatistas, com a última tentativa tendo ocorrido em 1950, sem sucesso.

O Estado de Mianmar foi formado de uma forma quase que forçada, com base na arbitrariedade da colonização inglesa, unindo sob um mesmo território e um mesmo governo várias etnias que não interagem entre si. Dessa forma, há uma dificuldade em unir várias etnias sob um governo, que resultam em problemas sociais, econômicos, etc.

A relação entre os grupos étnicos e o Estado envolve uma relação de abuso de poder e autoridade com os grupos minoritários, ou seja, todos aqueles que não são de origem birmanesa. A formação do Estado causou um efeito *boomerang*<sup>16</sup>, com os grupos que não se sentem parte do país, fomentando movimentos separatistas, alguns pacíficos, outros armados, os quais são considerados terroristas pelo governo. O efeito *boomerang* se dá pelo fato de que da mesma forma que o Estado é unificado na base da força, há a tentativa de separar essa suposta ‘união’ também pela força. Assim, na maioria dos estados há grupos paramilitares que lutam contra os abusos de poder, e se rebelam contra o governo central de Naypyidaw.

### A QUESTÃO DOS ROHINGYA

Os *Rohingya* são um dos grupos étnicos que compõem Mianmar, estimados entre 1 e 1,2 milhão de pessoas no início de 2017. São de origem muçulmana, não havendo consenso sobre sua chegada ao país. A teoria mais difundida é que os *Rohingya* são descendentes de comerciantes árabes que faziam as rotas asiáticas desde o século X. No entanto, o governo birmanês considera que os *Rohingya* chegaram durante a colo-

nização britânica, nos séculos XIX e XX. Na constituição de 1948, os *Rohingya* foram considerados nacionais de Mianmar, porém, em 1962, com o golpe militar, esse status foi retirado. Na constituição de 1974, os *Rohingya* se tornaram imigrantes ilegais, pois ela dispôs que, para ser um cidadão birmanês, há a necessidade de ser parte de uma das 135 raças nacionais reconhecidas, ou então que seus antepassados tenham se estabelecido no país antes de 1823, ou seja, os *Rohingya* não se encaixam em nenhum desses requisitos.

Não sendo cidadãos, os *Rohingyas* têm a maior parte de seus direitos negados, sofrendo discriminação há longo tempo, que envolvem dificuldades de acesso à educação, saúde, segurança, etc. A atividade religiosa dos *Rohingya* também é reduzida, com as escolas religiosas e mesquitas sendo destruídas e atacadas desde a década de 1980. Com essa restrição religiosa, os *Rohingya* têm dificuldades até para conseguirem se casar, tanto religiosamente, quanto legalmente. Os *Rohingya* sofrem, desde 2001, restrições de viagem, impossibilitando que circulem livremente pelo território. O governo de Mianmar, através do Conselho Estatal de Paz e Desenvolvimento, aplica políticas restritivas, que parecem ter como objetivo expulsar os muçulmanos de *Rakhine*, como desapropriação de terras, que acabam virando espaços inabitados ou acampamentos militares, ou assentamento de budistas em ‘aldeias modelo’. Entre os anos 1960 e 1990, a repressão militar foi praticamente institucionalizada contra os *Rohingya*, resultando numa migração em massa de cerca de um milhão de pessoas.

Há notícias de grandes migrações forçadas por parte dos *Rohingya* nos últimos anos por abuso das forças

militares do Estado ou por discriminação das outras etnias. A ONU considera que os *Rohingya* são a minoria mais perseguida do mundo, representando 10% de todos os apátridas do mundo.<sup>17</sup>

Neste contexto, foi criado o ARSA<sup>18</sup>, um grupo paramilitar que luta contra os abusos sofridos pelos *Rohingya*. De acordo com o governo de Naypyidaw, o ARSA trata-se de um grupo terrorista, com ligações com outros grupos fundamentalistas islâmicos, como a Al-Qaeda. De acordo com o líder do grupo, o paquistanês Ata Ullah, o ARSA não tem ligação nem é financiado por grupos islâmicos. O movimento não se assenta em bases islâmicas e tem a intenção de chamar a atenção do mundo para o descaso e os abusos praticados pelo Estado de Mianmar contra a minoria *Rohingya*, bem como recuperar e conquistar direitos para a etnia.<sup>19</sup>

## A CRISE DE 2017

Em 2017, iniciou-se uma campanha de perseguição dos *Rohingya* pelo governo de Mianmar, algo que a ONU classificou como limpeza étnica<sup>20</sup>, em resposta a ataques sofridos por militares. Em 12 de agosto de 2017, o governo de Mianmar começou a enviar tropas a Rakhine para, supostamente, aumentar a segurança na região. Porém, na mesma época, o Relator Especial da ONU, Yanghee Lee, advertiu que esse envio de tropas poderia causar maiores problemas. Na semana seguinte, as tropas do governo relataram ataques a pelo menos 20 postos policiais ou a grupos militares por parte do ARSA e, nos confrontos, ao menos 71 militantes *Rohingya* e 12 integrantes das forças armadas foram mortos.<sup>21</sup> O ARSA reivindicou o ataque e o justificou por conta dos abusos que

ocorreram de forma excessiva nas semanas anteriores.

Desde que os ataques ocorreram e o ARSA assumiu a autoria, o governo reprimiu a minoria com violência em grandes proporções. A repressão começou com proibição de viagens, algo que já era comum para os muçulmanos. Mas a situação piorou e os *Rohingya* relataram que o exército deu início a uma série de perseguições queimando aldeias e expulsando os moradores. Desde que a crise se iniciou, a estimativa é que mais de 280 aldeias foram queimadas e seus moradores foram expulsos ou fugiram para as regiões limítrofes.<sup>22</sup> A ONU estima que mais de 1000 pessoas morreram, no entanto, a ONG Médicos Sem Fronteiras argumenta que mais de 6700 pessoas morreram devido às perseguições só no primeiro mês<sup>23</sup>, com os soldados abrindo fogo contra civis em fuga, bem como instalando minas terrestres para impedir o êxodo.

A crise de 2017 é bastante similar com o que ocorreu em 2012, dadas as devidas proporções. Naquele ano, aldeias foram queimadas e os *Rohin-*

*gyas* foram expulsos de suas terras para que estas fossem distribuídas pelo governo para outras etnias. Naquela ocasião, houve a participação de grupos extremistas budistas, deixando 140 mortos, aldeias e vilas destruídas e mais de 100 mil desabrigados.<sup>24</sup>

Os *Rohingya* fogem da repressão e dos abusos desde a metade do século XX, porém, em 2017-18 houve uma maior migração em menor período de tempo. De acordo com a estimativa da ONU e suas agências, pelo menos um milhão de *Rohingyas* fugiram de Mianmar em direção a Bangladesh entre agosto de 2017 e junho de 2018. Nesse país, a região que mais recebe refugiados é a de Cox's Bazar, situada no sudeste, e o maior campo de refugiados é o de Kutupalong, com cerca de 110 mil pessoas. Além disso, o governo de Bangladesh improvisou nove campos de refugiados, que comportam cerca de setecentas mil pessoas e por volta de 120 mil pessoas vivem fora de acampamentos de refugiados em situação de extrema vulnerabilidade. Apesar dos esforços de Bangladesh, a ONU classifica que as condições não



Vila *Rohingya* destruída no norte do estado de Rakhine em agosto de 2017.

Refugiados *Rohingya* entrando em Bangladesh em 2017.

são ideais, com a Organização Mundial da Saúde (OMS) alertando para os perigos sanitários que podem causar inúmeras doenças, como cólera.<sup>25</sup>

A líder do Estado de Mianmar, Aung Saan Su Kyi, quase um mês depois dos primeiros ataques, foi a público e classificou que a crise estava coberta de desinformação e mentiras. Também condenou toda e qualquer violação dos direitos humanos, bem como violência ilegal (deixando aberta a interpretação de que a violência contra os *Rohingya* não seria ilegal, pois o grupo ameaça a segurança do Estado). Além disso, Kyi lembrou que, apesar da fuga de muitos muçulmanos, ainda há aqueles que permaneceram em Mianmar mesmo com os problemas.<sup>26</sup>

As agências do governo argumentam que a resposta estatal é contra os ataques terroristas praticados pelo ARSA. Quanto a expulsão de moradores das vilas e fazendas, o governo justifica dizendo que é necessário para a construção de casas e bases de infraestrutura para acomodar os refugiados. Porém, ONGs e observatórios de direitos humanos classificam que essas mudanças estão sendo feitas para receberem outras populações, que não os *Rohingya*. O

governo de Mianmar também bloqueou o acesso de ONGs para o auxílio humanitário, bem como impediu que equipes da ONU, dos EUA e do Reino Unido fossem às áreas afetadas em Rakhine.<sup>27</sup>

Além de bloquear organizações e representantes de governos de visitarem as áreas da crise, o governo também impediu o acesso de qualquer veículo de imprensa, tendo preso dois jornalistas da agência Reuters, em 12 de dezembro de 2017. De acordo com o governo birmanês, os dois jornalistas tiveram acesso a documentos oficiais sobre o caso *Rohingya*, violando a lei de im-

prensa de Mianmar, que data da era colonial. De acordo com a Reuters, a prisão dos jornalistas que estavam investigando os abusos do governo contra os *Rohingya*, demonstra algo sobre a falta de democracia e de liberdade de expressão em Mianmar.<sup>28</sup>

Em junho de 2018, o governo de Mianmar entrou em acordo com a ONU para repatriar os quase um milhão de *Rohingyas* que foram obrigados a deixar suas casas para se refugiarem em Bangladesh. No entanto, o governo insiste em repatriar apenas aqueles que têm documentos oficiais de identidade, algo que os *Rohingya* não possuem por não serem considerados cidadãos, demonstrando que estaria fazendo o possível para se livrar da minoria muçulmana.<sup>29</sup>

## ATUAÇÃO DA ONU

Desde o começo da crise, a ONU intervém diretamente através das ações do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), ajudando no fornecimento de necessidades básicas (abrigo, alimentação, água e assistência médica) para os refugiados que chegam à Bangladesh depois de dias de viagem a pé.

Campo de refugiados *Rohingya* em Bangladesh - 2017.



Refugiados Rohingya.

Para auxiliar na ajuda humanitária, alguns programas e órgãos da própria ONU, como o Programa Mundial de Alimentos (PMA), o UNICEF e a OMS, além de ONGs de ajuda humanitária como a Anistia Internacional e Médicos Sem Fronteiras, atuam nos principais campos de refugiados em Bangladesh, principalmente Cox's Bazar, Kutupalong, Nayapara e Balukhali, que são regiões próximas e/ou limítrofes com Mianmar e o estado de Rakhine.<sup>30</sup>

Desde o dia 25 de agosto de 2017, o ACNUR transportou para Bangladesh, por via aérea, 1.500 toneladas de ajuda emergencial avaliada em US\$ 7,8 milhões. O objetivo é auxiliar 250.000 refugiados. O Plano de Resposta Conjunta, lançado em março de 2018, pediu US\$ 950,8 milhões para o período de março a dezembro

de 2018. Em meados de agosto, pouco mais de 33% do valor havia sido arrecadado.<sup>31</sup>

Muita ênfase tem sido dada à proteção às mulheres e crianças, inclusive recém-nascidos, que são a maioria dos que chegam aos acampamentos de Bangladesh. Há relatos de abusos sexuais por parte do Exército birmanês contra muçulmanas *Rohingya* – adultas e crianças. Por conta dos diversos dias de caminhada, todos chegam exaustos, malnutridos e desidratados. Assim, o UNICEF, juntamente com a Save the Children (ONG de proteção ao abuso infantil), atuam de forma ativa nos acampamentos e pedem intervenção imediata do governo de Mianmar.<sup>32</sup> A atuação conjunta das ações humanitárias tem se concentrado no combate à má nutrição, na imunização contra

doenças (como cólera e desintéria) e no fornecimento de abrigos.<sup>33</sup>

O caráter humanitário dessas missões, amplamente endossado por outros países, faz aumentar as pressões sobre a líder “de facto” de Mianmar, Aung San Suu Kyi, laureada com o Prêmio Nobel da Paz em 1991, por conta de tentativas de acobertar as ações e abusos do Exército birmanês e não dar a devida importância à crise que se instaurou no estado de Rakhine.<sup>34</sup>

Apesar de, em junho de 2018, a ONU e o governo de Mianmar terem entrado em acordo para a repatriação de refugiados, funcionários da ONU continuaram preocupados porque as causas do êxodo não foram enfrentadas, portanto, novas crises podem (e devem) voltar a ocorrer.<sup>35</sup>

## REAÇÃO DA COMUNIDADE INTERNACIONAL

Alguns líderes mundiais levaram o tema da violência contra os *Rohingya* para o âmbito da Assembleia Geral das Nações Unidas. O presidente turco Recep Tayyip Erdoğan, por exemplo, acusou o governo de Mianmar de promover “genocídio”.<sup>36</sup> O Secretário Geral da ONU, Antonio Guterres, também alertou para o risco de uma “limpeza étnica”, apelando para Aung San Suu Kyi e as forças de segurança para cessarem a violência.<sup>37</sup> Além disso, o Alto Comissário das Nações Unidas para os Direitos Humanos à época, Zeid Ra’ad al-Hussein, disse que o ato de genocídio contra os muçulmanos *Rohingya* pelas forças estatais em Mianmar não pode ser descartado.<sup>38</sup> Ainda mais, a também laureada com o Prêmio Nobel da Paz, Malala Yousafzai, pediu a Aung San Suu Kyi para condenar o tratamento “trágico e vergonhoso” do povo *Rohingya* de Mianmar.<sup>39</sup>

Algumas alegações também merecem destaque, como os EUA, que clamaram às tropas do Exército birmanês a “respeitar o Estado de Direito, acabar com a violência e com

o deslocamento de civis de todas as comunidades”.<sup>40</sup> O Reino Unido prometeu um auxílio de £59 milhões para ajudar aqueles que fogem para Bangladesh. A Primeira-Ministra britânica, Theresa May, também disse que a ação militar em Rakhine tem que parar. O Reino Unido suspendeu cursos de treinamento para as forças armadas de Mianmar. O governo de Bangladesh planeja construir mais abrigos na região de Cox’s Bazar, mas também quer limitar a ida de refugiados às áreas alocadas.<sup>41</sup>

Na contramão das condenações, o governo chinês disse que a comunidade internacional “deve apoiar os esforços de Mianmar para salvar a estabilidade do seu desenvolvimento nacional”.<sup>42</sup> No mesmo sentido, em dezembro de 2017, a Rússia votou contra a Resolução da Assembleia Geral da ONU que pedia que o governo birmanês permita que trabalhadores humanitários tenham acesso às áreas afetadas pela crise.<sup>43</sup>

## CONCLUSÃO

Desde o início da crise, mais de 1,2 milhão de pessoas foram obrigadas a deixarem suas casas fugindo das perseguições. Com o acordo para a

repatriação dos *Rohingya*, em junho de 2018, há a esperança de que os muçulmanos voltem para seu país de origem. No entanto, como alertou a ONU, se medidas não forem tomadas para combater as raízes da crise, a perseguição irá continuar e talvez se torne ainda maior com o passar do tempo. Além disso, os *Rohingya*, que em sua maioria temem retornar para Rakhine, irão encontrar uma região completamente devastada com suas casas e terras destruídas pelos ataques ocorridos em 2017.

O maior desafio de Mianmar é fazer com que os inúmeros grupos nativos convivam entre si sem causar conflitos. Mas isso se torna quase impossível quando um dos grupos (o birmanês) é o dominante em todos os setores da sociedade, incluindo o governo e as forças armadas.

Diferentes posturas dentro da ONU, especialmente no Conselho de Segurança, praticamente bloqueiam uma atuação mais firme contra o governo de Mianmar. Em consequência, as ações são mais paliativas em direção à assistência aos *Rohingya* refugiados do que realmente lidar com as causas da violência contra o grupo.

<sup>1</sup> Discentes do curso de Relações Internacionais da Unesp – Campus de Marília/SP, e membros do Observatório de Conflitos Internacionais (OCI).

<sup>2</sup> BURMA CENTER PRAGUE. *History, Land and People*. 2018. Disponível em: <<https://www.burma-center.org/history-land-and-people/>>. Acesso em: 16 out. 2018.

<sup>3</sup> FONSECA, Fernanda Cardoso. A Conferência de Paz Panglong-21 como alavanca para a resolução dos conflitos étnicos no Mianmar. *Conjuntura Internacional*. Belo Horizonte: PUC Minas, 21 dez. 2016. Disponível em: <<https://pucminasconjuntura.wordpress.com/2016/12/21/a-conferencia-de-paz-panglong-21-como-alavanca-para-a-resolucao-dos-conflitos-etnicos-no-mianmar/>>. Acesso em: 17 out. 2018.

<sup>4</sup> BURMA CENTER PRAGUE, op. cit.

<sup>5</sup> Idem.

<sup>6</sup> Idem.

<sup>7</sup> Idem.

<sup>8</sup> SARAIVA, Roberto. As duas gerações de excluídos de Mianmar. *Estadão*. 2018. Disponível em: <<https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,as-duas-geracoes-de-excluidos-de-mianmar,70002185759>>. Acesso em: 17 out. 2018.

<sup>9</sup> BBC. *Quem são os rohingyas, povo muçulmano que a ONU diz ser alvo de limpeza étnica?* 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-41257869>>. Acesso em 18 out. 2018.

<sup>10</sup> BURMA CENTER PRAGUE, op. cit.

<sup>11</sup> BBC. *Suu Kyi recebeu o Prêmio Nobel da Paz, em 1991, por seu esforço para introduzir a democracia em seu país - Perfil: Aung San Suu Kyi é símbolo de resistência pacífica*. 2009. Disponível em: <[http://www.bbc.co.uk/portuguese/ig/noticias/2009/05/090514\\_perfil-suukyiba.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/ig/noticias/2009/05/090514_perfil-suukyiba.shtml)>. Acesso em 18 out. 2018

<sup>12</sup> BURMA CENTER PRAGUE, op. cit.

<sup>13</sup> Idem.

<sup>14</sup> Idem.

- <sup>15</sup> CIA. The World Factbook. 2018. Disponível em: <<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/bm.html>>. Acesso em: 20 out. 2018.
- <sup>16</sup> LIEBICH, Alexandra. The “Boomerang Effect” of Kin-state Activism: Cross-border Ties and the Securitization of Kin Minorities. *Journal of Borderlands Studies*, 2017. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/08865655.2017.1402202>>. Acesso em: 11 set. 2018.
- <sup>17</sup> LIBRESCO, Leah. *Myanmar’s Rohingya Refugee Are The World’s Largest Group of Stateless People*. 11 May 2015. Disponível em: <<https://fivethirtyeight.com/features/myanmars-rohingya-refugees-are-the-worlds-largest-group-of-stateless-people/>>. Acesso em: 12 set. 2018.
- <sup>18</sup> *Arakan Rohingya Salvation Army* (Exército da Salvação Arakan Rohingya, tradução livre).
- <sup>19</sup> BBC. *Rohingya crisis: Finding out the truth about Arsa militants*. 11 Oct. 2017. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/world-asia-41521268>>. Acesso em: 20 set. 2018.
- <sup>20</sup> ONUBR. *ONU condena ‘limpeza étnica’ contra muçulmanos em Mianmar*. 07 mar. 2018. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/onu-condena-limpeza-etnica-contra-muculmanos-em-mianmar/>>. Acesso em 20 set. 2018.
- <sup>21</sup> THE GUARDIAN. *Dozens killed in Fighting between Myanmar army and Rohingya militants*. 25 Aug. 2017. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2017/aug/25/rohingya-militants-blamed-as-attack-on-myanmar-border-kills-12>>. Acesso em: 20 out. 2018.
- <sup>22</sup> BBC. *Myanmar Rohingya: What you need to know about the crisis*. 24 Apr. 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/world-asia-41566561>>. Acesso em: 20 out. 2018.
- <sup>23</sup> Idem
- <sup>24</sup> OPEN DEMOCRACY. Open Security. *The Rohingya Crisis of June 2012: a survivor’s testimony*. Disponível em: <<https://www.opendemocracy.net/opensecurity/hamid-emma-crichton/rohingya-crisis-of-june-2012-survivors-testimony>>. Acesso em: 20 out. 2018.
- <sup>25</sup> G1. *ONU diz que 100 mil Rohingyas correm risco sério devido a chuvas de monção em Bangladesh*. 29 jan. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/onu-diz-que-100-mil-rohingyas-correm-risco-serio-devido-a-chuvas-de-moncao-em-bangladesh.ghtml>>. Acesso em: 16 set. 2018.
- <sup>26</sup> BBC. *Myanmar: What sparked latest violence in Rakhine*. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/world-asia-41082689>>. Acesso em: 20 out. 2018.
- <sup>27</sup> AL JAZEERA. *UN 270,000 Rohingya fled to Bangladesh in two weeks*. 2017. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/news/2017/09/rohingya-refugee-numbers-bangladesh-surge-270000-170908090357860.html>>. Acesso em: 20 set. 2018.
- <sup>28</sup> REUTERS. *Repórter da Reuters preso insiste que polícia de Mianmar plantou documentos “secretos”*. 23 jul. 2018. Disponível em: <<https://br.reuters.com/article/worldNews/idBRKBN1KD1UI-OBWD>>. Acesso em 20 set. 2018.
- <sup>29</sup> YUSUF, Abdullah. *Rohingya crisis: a year since it shocked the world, what’s changed?*. Disponível em: <<https://theconversation.com/rohingya-crisis-a-year-since-it-shocked-the-world-whats-changed-101209>>. Acesso em: 18 out. 2018.
- <sup>30</sup> EL PAÍS. *Famintos e amontoados: crise dos refugiados de Myanmar supera capacidade de ajuda humanitária*. 17 set. 2017. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/17/internacional/1505660801\\_923922.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/17/internacional/1505660801_923922.html)>. Acesso em: 18 set. 2018.
- <sup>31</sup> ACNUR. *Um ano da emergência Rohingya: a crise de refugiados mais recente da Ásia merece solidariedade internacional e avanço nas soluções*. 2 ago. 2018. Disponível em: <<https://www.acnur.org/portugues/2018/08/24/um-ano-da-emergencia-rohingya-a-crise-de-refugiados-mais-recente-da-asia-merece-solidariedade-internacional-e-avanco-nas-solucoes/>>. Acesso em: 18 set. 2018.
- <sup>32</sup> UNICEF. *Rohingya crisis*. 2018. Disponível em: <[https://www.unicef.org/emergencies/bangladesh\\_100945.html](https://www.unicef.org/emergencies/bangladesh_100945.html)>. Acesso em: 18 out. 2018.
- <sup>33</sup> ACNUR. *Rohingya*. 2018. Disponível em: <<https://www.acnur.org/portugues/rohingya/>>. Acesso em: 18 out. 2018.
- <sup>34</sup> AL JAZEERA. *US urges Myanmar to give access to Rakhine crisis área*. 2017. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/news/2017/09/urges-myanmar-give-access-rakhine-crisis-area-170908002538497.html>>. Acesso em: 18 set. 2018.
- <sup>35</sup> ONUBR. *Causas da crise Rohingya devem ser resolvidas em Mianmar, diz agência da ONU*. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/causas-da-crise-rohingya-devem-ser-resolvidas-em-mianmar-diz-agencia-da-onu>>. Acesso em: 18 out. 2018.
- <sup>36</sup> THE GUARDIAN. *Erdogan accuses Myanmar of ‘genocide’ as thousands of Rohingya flee to Bangladesh*. 02 set. 2017. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2017/sep/02/erdogan-accuses-myanmar-of-genocide-against-rohingya>>. Acesso em: 18 set. 2018.
- <sup>37</sup> AL JAZEERA. *UN: 270,000 Rohingya fled to Bangladesh in two weeks*. 2017. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/news/2017/09/rohingya-refugee-numbers-bangladesh-surge-270000-170908090357860.html>>. Acesso em: 20 set. 2018.
- <sup>38</sup> BBC, 24 Apr. 2018, op. cit.
- <sup>39</sup> TRIBUNE. *Malala condemns suffering of Rohingya Muslims*. 4 Sep. 2017. Disponível em: <<https://tribune.com.pk/story/1497679/malala-condemns-suffering-rohingya-muslims>>. Acesso em: 18 set. 2018.
- <sup>40</sup> BBC, 24 Apr. 2018, op. cit.
- <sup>41</sup> Idem.
- <sup>42</sup> Idem.
- <sup>43</sup> THE GUARDIAN. *China and Russia oppose UN resolution on Rohingya*. 24 Dec. 2017. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2017/dec/24/china-russia-oppose-un-resolution-myanmar-rohingya-muslims>>. Acesso em: 18 set. 2018.

Série Conflitos Internacionais é editada pelo Observatório de Conflitos Internacionais da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC) da Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho (UNESP) - Campus de Marília – SP

Editor: Prof. Dr. Sérgio L. C. Aguilár  
Layout: Paula Schwambach Moizes  
ISSN: 2359-5809  
Comentários para: [oci@marilia.unesp.br](mailto:oci@marilia.unesp.br)  
Disponível em: [www.marilia.unesp.br/#oci](http://www.marilia.unesp.br/#oci)

Série Conflitos Internacionais mais recentes:

A questão curda V. 4, n. 1  
O atual conflito no Sudão do Sul V. 4, n. 2  
O conflito na Costa do Marfim e as missões de paz da ONU V. 4, n. 3  
Afeganistão: a continuidade do grande jogo V. 4, n. 4  
Mali: a operação de paz da ONU e a situação de segurança no país V. 5, n. 2  
O conflituoso Cinturão do Sahel V. 5, n. 3  
Ucrânia: conflito como herança da “cortina de ferro” na Rússia contemporânea V. 5, n. 4